

## **ENTREVISTA COM RICARDO AZEVEDO**

*Realizada em 08 de junho de 2015*

**Ricardo, qual a sua percepção a respeito da educação brasileira escolarizada na atualidade? É uma visão positiva, negativa? Por que?**

Preciso dizer que não sou um especialista em educação. Sou escritor e desenhista, trabalho há muitos anos com livros, tenho dado palestras para professores (principalmente sobre o uso da literatura na escola), quando posso tenho ido a escolas para conversar com leitores, mas, naturalmente, minha visão é restrita à minha experiência pessoal. Sinto que nossa educação, seja na escola pública, seja na escola particular, enfrenta muitos problemas. A meu ver, a escola, para além de fornecer informações, deveria ser um espaço que possibilitasse o desenvolvimento da capacidade de pensar, da criatividade, da expressividade e da sociabilidade do estudante, mas, ao mesmo tempo, num outro plano, deveria ser o espaço que integrasse o estudante às questões de sua sociedade e o preparasse para ter ideias, ou embriões de ideias, capazes de um dia aprimorar sua sociedade e sua cultura. Não creio que a escola esteja fazendo isso. Quero ressaltar o seguinte: a meu ver, a escola precisa trazer em sua estrutura uma necessária contradição: preparar os estudantes para viver na sociedade, e concomitantemente, criticar essa mesma sociedade. Neste sentido, a literatura pode ser um instrumento fundamental de desenvolvimento do pensamento crítico pois ela trabalha com ficção e é preciso desenvolver hipóteses e utopias, ou seja, ficção e imaginação, para que a sociedade seja aprimorada. Repare que as boas escolas que conhecemos, tanto públicas como privadas, costumam ter diretores e coordenadores conscientes dessa vital contradição.

**A mesma pergunta vai para a sua impressão sobre os professores das escolas públicas... como você os vê? Acha que são vilões ou heróis?**

Não colocaria a questão nesses termos. A escola é uma representação e uma expressão de algo maior, a sociedade como um todo. Pergunto: a sociedade quer de fato ter boas escolas? A sociedade quer de fato formar alunos criativos que saibam pensar e tenham pensamento crítico? Tenho dúvidas até porque, note-se, alunos assim vão colocar imediatamente em discussão a própria sociedade. A sociedade deseja isso? Se desejasse, teríamos escolas melhores e professores mais bem formados, cheios de autoestima, prestigiados e bem remunerados. Vale lembrar: é papel da escola formar estudantes que conheçam os extraordinários avanços civilizatórios da modernidade, mas também suas inúmeras contradições. Que tenham acesso, com profundidade, à multifacetada cultura de nosso país. Que estejam conscientes das evidentes desigualdades de nossa sociedade (por serem imorais e injustificáveis, elas costumam deixar nossas crianças e jovens confusos e céticos), entre outros pontos.

E ainda que sejam levados a compreender que não são a plateia, mas sim os protagonistas do futuro e que, na escola, estão se preparando para construí-lo e ressignificá-lo.

**Você, especificamente, estudou em escola pública ou privada? Acha que a sua escola cumpriu o papel de lhe educar? Afinal, essencialmente, o que mudou com o tempo, o que piorou ou melhorou?**

Estudei numa escola particular, na época considerada muito boa. Na minha opinião, não era boa pois sua pretensão era meramente formar técnicos e consumidores para trabalhar nas empresas, gente sem qualquer pensamento crítico, despolitizada, sem formação humanista, em suma, analfabetos políticos e culturais. Minha sorte foi que tive em casa um ambiente diferente com acesso a livros, à cultura, inclusive a brasileira, e a discussões sobre política.

**Para além das suas contribuições literárias, sabemos que você tem se preocupado com a melhoria da qualidade do ensino brasileiro. Conte um pouco de onde nasce ou se origina esse tipo de preocupação e o que exatamente ou mais intensamente você vem focando nas suas reflexões e críticas.**

Publiquei meu primeiro livro em 1980 e este, assim como os que vieram depois, começaram a ser adotados em escolas. Passei então a conversar com professores e alunos e logo percebi que a escola, de forma generalizada, confundia livros de ficção com livros didáticos. Um erro crasso, obviamente. Por essa época, comecei a escrever artigos sobre o assunto e, por fim, acabei voltando a estudar. De certa forma, o mestrado e o doutorado que fiz anos depois, nasceram da angústia de, por um lado, sentir a literatura tratada de maneira tão equivocada na escola (e pela sociedade, claro! A escola não passa de um reflexo da sociedade.) E, por outro, a retórica que ouço há mais de 30 anos sobre a “importância de formar novos leitores”. Trata-se de um discurso apenas politicamente correto. Na prática ele tem sido inócuo. Como formar leitores com pais, adultos e professores que raramente são leitores e não sabem utilizar livros em benefício próprio?

**De que forma você entende a relação literatura-educação? Como percebe a leitura da literatura nas escolas hoje em dia?**

Creio que a literatura, e de maneira mais ampla, a arte, deveriam entrar na escola como o momento precioso da cultura, da criação livre de novos significados, da discussão da metáfora e do discurso subjetivo, da discussão do que seja a própria ficção e de suas raízes antropológicas. Wolfgang Iser fala algo interessante em sua obra *O fictício e o imaginário*: diz ele que quando percebemos que nascemos e estamos no mundo, já temos uns três anos de idade, portanto, pegamos um bonde andando. Quando vamos morrer, tentamos entender alguma coisa, mas aí já é tarde. Em outras palavras, não temos controle cognitivo sobre esses dois pontos cardeais da existência. Para complicar as coisas, entre o nascimento e a morte, envelhecemos, adquirimos experiências e nos modificamos o tempo todo. Trocando em miúdos, não é fácil ser um animal que tem mania de fazer perguntas e de inventar teorias. Para Iser, diante dessa situação complexa o homem fica com buracos internos

formados por questões não resolvidas. Para preencher esses buracos ele, entre outras coisas, faz ficção. Não seria um belo assunto para ser discutido em sala de aula?

**Mais recentemente, em 2013, você publicou o livro “Abençoado & danado do samba - um estudo sobre o discurso popular” (SP: Edusp), aprofundando uma reflexão a respeito da cultura popular. Poderia, em linhas gerais, informar as suas principais descobertas oriundas dessa extensa pesquisa.**

Quando comecei a publicar meus livros, logo me veio a seguinte questão: o que é escrever para crianças? Há de fato algum discurso especial? Aos poucos, fui percebendo que muito mais do que uma “literatura infantil” – algo até hoje vago para mim e que só faz sentido se pensarmos em mercados ou na organização de classes escolares – o que eu fazia mesmo e ainda faço é uma “literatura popular”. Em outras palavras, tento abordar temas humanos complexos e abrangentes, sempre de forma compartilhável, utilizando para isso uma linguagem clara, acessível e pública. Ao perceber isso, resolvi estudar o que poderia ser considerada uma “literatura” e um “discurso” populares. Como acervo de referência recorri a letras de samba, um extraordinário depósito de discurso popular. Isso me possibilitou aprofundar o estudo sobre um assunto fascinante: a oralidade e suas implicações (e por contraste, a escrita e suas implicações). Dou um exemplo: Creio que a maior proximidade com os recursos da oralidade pode fazer com que o escritor escreva, mais ou menos, como se estivesse falando num contato face-a-face, o que pressupõe que o leitor lerá, mais ou menos, como se estivesse escutando alguém falando à sua frente. Isso significa um monte de coisas. Basta prestar atenção nas escolhas que fazemos quando estamos conversando face-a-face com outra pessoa. No caso do escritor, sua tendência será recorrer a um vocabulário público, claro e compartilhável; usar fórmulas, frases feitas, ditados e epítetos; fugir de explicações e descrições desnecessárias; evitar invenções sintáticas; evitar o discurso complicado; fugir de citações e erudições; optar pela expressão da ação (e não pela descrição da ação); por imagens visualizáveis (fugindo de abstrações e teorizações); preferir a narratividade, ou seja, os enredos lineares e acumulativos com começo, meio e fim; abordar temas passíveis de

serem compreendidos e compartilhados, além de capazes de gerar identificação (ou seja, temas centrados no “nós” no lugar de temas centrados no “eu”) e por aí vai. Note-se a diferença: quem escreve a partir da cultura escrita, escreve como quem escreve e pressupõe um leitor que vai ler em casa, pode lançar mão de outros recursos, uma vez que o leitor terá condições de ler, reler, refletir sobre o que leu, consultar dicionários etc. Tento dizer que estamos diante de duas estratégias e de dois modelos para a construção de discursos: um baseado na escrita e outro na oralidade. Para mim, como escritor, foi muito importante constatar essa diferenciação e perceber que posso optar por um ou por outro. Quem estiver a fim de escrever um livro popular, em tese, deveria optar pelo discurso marcado pela oralidade.

#### **Afinal, a cultura popular tem lugar na escola? Deveria ter?**

A cultura popular é uma das fontes mais consistentes e originais das artes e da literatura brasileiras. Basta citar Mário de Andrade, João Guimarães Rosa, Manoel de Barros, Ariano Suassuna, Heitor Villa-Lobos, Antônio Carlos Jobim, Egberto Gismonti, Portinari, Volpi, Hélio Oiticica e tantos outros artistas cultos que construíram e têm construído parte considerável de suas obras a partir de concepções e procedimentos populares. Ao mesmo tempo, é da cultura do povo que sai o samba, o frevo, a moda de viola, o baião e o rap. É dela que nasce o carnaval. É de sua boca que nascem as gírias – “bárbaro”, “tá legal”, “foi uma roubada”, “pisou na bola” ou “bacana”, por exemplo – e um monte de novas palavras que com o tempo acabam sendo dicionarizadas. É dela ainda que nascem muitas receitas culinárias – quem inventou o nosso pão de queijo? – e ainda um precioso conjunto de formas literárias, considerados tradicionais: contos de encantamento, quadras, ditados, lendas, casos, adivinhas, anedotas, frases feitas, parlendas, trava-línguas, entre outras. Não consigo pensar na cultura brasileira sem incluir essa imensa e riquíssima produção cultural. Infelizmente, a escola tem valorizado pouco tudo isso. Paradoxalmente, quando crianças filhas de pais analfabetos ou pouco alfabetizados – ou mesmo quando adultos na mesma situação – matriculam-se na escola, veem-se imediatamente diante do discurso da cultura oficial, o saber sistemático, erudito, científico, impessoal, marcado pela escrita e

difundido pelas escolas. Segundo tal discurso, fora dele, tudo seria atraso, ignorância e subdesenvolvimento. Dessa forma, os alunos oriundos da cultura popular e oral – a grande maioria da população brasileira – veem-se colocados numa espécie de limbo: são, de um lado, levados a desprezar a si mesmos, seus pais, seus avós, suas tradições, crenças, costumes e estilo de vida, afinal seus parentes não sabem ler nem escrever e desconhecem a gramática, as ciências, a matemática, a História etc.; de outro, sentem dificuldade em se familiarizar ou se identificar com a “verdade” escolar, mais abstrata, impessoal e construída a partir de outros paradigmas e padrões éticos. Creio que se o que se deseja é realmente formar leitores e aprimorar a educação brasileira, seria o caso de conhecer melhor e explorar sistematicamente esse imenso acervo no processo educacional. Ao entrar em contato com um conto de encantamento, uma quadra, um trava-língua ou um dito popular, o estudante, que antes se sentia excluído culturalmente, talvez abra a boca espantado e pense: “Peraí! Mas isso aí os meus pais conhecem! Isso eu já ouvi! Isso faz sentido pra mim! ”. Hoje, essa mesma criança costuma ser levada a ter vergonha de si mesma e de seus próprios pais, que desconhecem tudo o que a escola ensina. Como a maioria das crianças brasileiras tem raízes familiares populares, trazer material popular para a escola é obviamente muito importante, uma verdadeira ponte entre a cultura letrada e a cultura do povo.

**Espaço aberto... talvez tenha vontade de fechar com algum aspecto que, quem sabe, tivesse a expectativa de que lhe perguntássemos. Poderá dizer agora, fechando esta entrevista.**

Vou concluir com uma obviedade. Não sei de ninguém que esteja satisfeito com a sociedade desigual, desequilibrada e pouco democrática em que infelizmente ainda vivemos. Para mudar esse quadro não adianta discursos ideológicos e retóricas. É preciso dizer como obter uma maior igualdade de oportunidades para todos os brasileiros. Para isso, creio, a sociedade inteira deveria estar convencida de que investir numa Educação que forme jovens com pensamento crítico, bem informados, criativos, expressivos, conhecedores dos problemas de seu país e com cultura humanista. Trata-se de pura vontade política, de um desejo e de uma crença que deveria estar alastrada no imaginário de todos os cidadãos. Dou

um exemplo do que seja essa vontade política: sei que em certos estados norte-americanos, as pessoas que ganham a partir de um certo patamar, tendo filhos ou não, são obrigadas a pagar um imposto especial que vai diretamente para a escola pública. Por que não fazer isso por aqui? O resultado seria bom para todos nós!